



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

## INTERDISCURSO E MEMÓRIA NO CARNAVAL DA ESCOLA DE SAMBA PARAÍSO DO TUIUTI – DESFILE 2018

Nádila Luiza Oliveira Nogueira <sup>1</sup>  
Sidney Fernandes dos Santos Silva <sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo primeiro deste estudo foi analisar como são produzidos, pela escola de samba *Paraíso do Tuiuti* no desfile carioca de 2018, sentidos de resistência. Após a leitura do arquivo que compusemos pela transmissão ao vivo da Rede Globo e por textos dados a circular depois do desfile, constituímos o *corpus* analítico por textos verbais, verbo-imagéticos e imagéticos, principalmente o samba-enredo e fotografias de alas temáticas do desfile. Como referencial teórico, utilizamos: i) Pêcheux (1990; 1995) e Orlandi (2015), no tangente à Análise de Discurso; ii) Bakhtin (1999), a respeito do conceito “carnavalização” e DaMatta (1997), sobre carnaval e fantasia; iii) Freud (1996), contribuição da psicanálise no que tange à fantasia; iv) Canevacci (1988), acerca de “máscaras”. Neste artigo, consideramos os modos como, por meio de expressões artísticas (fantasia, música, poesia), acontecimentos históricos são reatualizados e ressignificados no sambódromo. E constatamos que as materializações artísticas em pauta inscrevem-se, no contexto de alegria e de festa do carnaval brasileiro, em formações discursivas de denúncias e de lutas sociais.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso; Memória discursive; Resistência; Paraíso do Tuiuti.

### Introdução

Este trabalho objetiva analisar a produção de sentidos, por meio de materialidades verbais e imagéticas, que circularam no desfile da escola de samba *Paraíso do Tuiuti* no ano 2018, a partir dos conceitos interdiscurso e memória discursiva (Pêcheux, 1990; 1995).

A escola *Paraíso do Tuiuti* utilizou-se do carnaval e do samba para produzir críticas a diversos setores da sociedade. Em 2018, ela trouxe para o sambódromo um enredo discursivo bastante oportuno para o cenário brasileiro atual, pois, mesmo após 130 anos da abolição da escravidão no Brasil, sabe-se que a escravidão não foi totalmente extinta, há milhares de brasileiros sendo escravizados, muitas vezes, de forma silenciada. Por essa razão, o samba dessa escola vai ao encontro de desejos e anseios de boa parte do povo brasileiro, como uma maneira de resistir a todos os tipos de escravidão.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas pela UNEB e membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Discurso e Sociedade (DisSE/CNPq).

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela UFSCar. Docente na Universidade do Estado da Bahia. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Ensino, Discurso e Sociedade (DisSE/CNPq).



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA**

Levando em consideração a formulação de dizeres da escola de Samba *Paraíso do Tuiuti*, é crucial estudar modos de circulação destes na sociedade contemporânea e como, pela atualização de uma memória discursiva, a escravidão em solo brasileiro é constituída discursivamente em diferentes níveis e modalidades. Estudar essas discursivizações é de grande relevância, pois, ao dar visibilidade àqueles que sempre estiveram às margens da sociedade, que sempre estiveram relegados ao silêncio histórico, a ciência contribui para a diminuição das desigualdades sociais. O samba foi e é uma expressão linguageira que a população utiliza para materializar artisticamente sentidos de resistência.

### **Linguagem: Discurso e História**

Pelas linguagens (verbal, gestual, imagética, dentre outras), constrói-se representações e expressa-se socialmente. Mas a linguagem não se limita a apenas essas funções, não se constitui somente como um processo comunicativo, ou seja, além de código, ela é a materialização da exterioridade, pois história, sociedade e sujeitos são constitutivos da linguagem que, nessa perspectiva, é tomada enquanto discurso. Segundo Orlandi “(...) a Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social (2015, p.13). A linguagem só é linguagem porque faz sentido e este se dá pelo fato dela está inscrita na história.

Nessa perspectiva, segundo os estudos discursivos, a linguagem é constituída por discursos, que são efeitos de sentidos entre interlocutores, é palavra em movimento e é local no qual a ideologia se manifesta. A ideologia, para a Análise de Discurso, não é

visão de mundo, nem (...) ocultamento da realidade, mas (...) mecanismo estruturante do processo de significação. Pelo que podemos expor, a ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua, na medida que esta significa. (ORLANDI, 2015, p. 94)



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA**

**V Seminário Interdisciplinar  
de Ensino, Extensão e Pesquisa**

Nesse sentido, a ideologia aqui é vista como a relação entre sujeito, língua e história e com as maneiras de significar dos sujeitos, não reduzindo-se apenas a uma visão de mundo.

Faz-se necessário considerar as condições de produção do discurso que, de acordo com Orlandi (2015), se apresenta em seu sentido estrito e em seu sentido amplo, abarcando o contexto histórico e ideológico. Então, é crucial falar de memória quando se fala de produção do discurso, ela é tratada como o interdiscurso, uma vez que ela se refere àquilo que fala antes, em outro local, o já-dito. Em outras palavras, ela disponibiliza o saber discursivo que possibilita todo o dizer e como o sujeito irá significar em uma determinada situação discursiva. Então, ao analisar discursividades, é preciso considerar a memória discursiva e como os dizeres foram construídos, levando em consideração a sua relação com os sujeitos e, conseqüentemente, com a ideologia.

No que diz respeito à relação existente entre língua, discurso e ideologia, afirma Orlandi “[p]artindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia” (2015, p.15). Assim, faz-se necessário compreender que não existe independência entre essas três esferas, pois o discurso possibilita perceber a relação entre ideologia e língua. É nessa vinculação que a língua produz sentidos.

O sentido não se determina por si só, mas a partir de posições ideológicas ligadas a processos históricos e sociais nos quais se produzem as palavras. Dessa forma, as palavras possuem significações diversas se utilizadas em campos distintos, principalmente se as formações ideológicas não forem as mesmas.

No que tange à noção de formação discursiva (FD), segundo Orlandi, ela “(...) se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em um conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito” (2015, p.41). Assim, percebe-se que algumas pessoas dizem coisas que outras não dizem, pois os discursos são objetos particulares vistos de pontos de vista também particulares.

As formações ideológicas, por sua vez, caracterizam-se por serem componentes capazes de intervir como uma força em confronto com outras no contexto histórico de



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

certa formação social. Assim, a formação ideológica é um modo de pensar e agir de um certo grupo na sociedade, sendo “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais”. (HAROCHE<sup>3</sup> et al. 1971 *apud* BRANDÃO 1995, p. 38).

Desse modo, é crucial perceber que a formação discursiva e a formação ideológica estão interligadas, uma vez que as formações discursivas representam as formações ideológicas. Tudo que os sujeitos dizem tem a presença do histórico e do político, isto não está relacionado ao cerne das palavras, mas à discursividade das mesmas, pois não há sentidos que não sejam determinados ideologicamente.

O discurso tem regularidade e funciona sem se opor ao social e ao histórico. A Análise de Discurso evidencia que o discurso não é tido como liberdade em ato, ou seja, sem ser condicionado por fatores linguísticos e históricos e que a língua não é toda fechada em si própria. Desta maneira, a língua é a condição para que exista o discurso.

O acontecimento histórico “consiste em um fato que, por sua relevância enquanto ocorrência no mundo, passa a ser rememorado na história, fazendo parte do dizer sobre o passado de um povo, narrado pela ciência histórica” (DELA-SILVA, 2008). Assim, o fato precisa ser significativo para que possa ser lembrado na história de um povo. Um acontecimento histórico pode ser discursivizado de diferentes maneiras e produzir um acontecimento discursivo.

Para que um acontecimento discursivo surja é necessário que alguém o crie. Segundo Pêcheux, um acontecimento “é um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 1990, p.17). Desse modo, o acontecimento discursivo pode ser visto como uma relação entre o fato, a circulação e atualização deste:

O acontecimento discursivo pressupõe, assim, a relação entre dizeres que, ao se cruzarem, tendem a promover rupturas, ainda que um novo dizer, por princípio, seja formulado a partir das possibilidades que esse dizer encerra. [...] busca-se compreender os acontecimentos discursivos que possibilitam o surgimento de novos espaços de significação para o sujeito (DELA-SILVA, 2008).

---

<sup>3</sup> HAROCHE, CL; HENRY, P. e PÊCHEUX, M. **La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours.** Paris: Didier-Larousse, 1971.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

Nessa lógica, o acontecimento discursivo é a criação de um novo acontecimento e não coincide com os registros de um fato na história, é uma das maneiras de se ver um mesmo fato.

A escola de samba *Paraíso do Tuiuti*, no ano 2018, trouxe como dizeres o enredo-refrão “Meu Deus, meu Deus está extinta a escravidão?”, traçando assim uma relação com o acontecimento histórico: o fim da escravidão no Brasil.

No Brasil, a escravatura foi “abolida” no ano de 1888 através da Lei Áurea assinada pela princesa Isabel no dia 13 de maio desse ano. Porém, essa medida não foi suficiente para acabar com a exploração dos recentes ex-escravos, pois a Lei não assegurava nenhum auxílio ou projeto que ajudasse os ex-escravos a se inserirem na sociedade.

A partir desse acontecimento histórico, a escola de samba *Paraíso do Tuiuti*, no ano 2018, retoma esse fato de 1888 e produz dizeres contra a escravidão ainda presente no Brasil atual. Assim, critica o “fim da escravidão” que não aconteceu, por meio de uma atualização da escravidão que se mantém sempre presente na memória coletiva. A *Paraíso do Tuiuti* produz sentidos de crítica ao racismo e às dificuldades dos trabalhadores brasileiros hoje.

Deste modo, a escola de samba produziu um novo acontecimento, uma outra maneira de narrar o fato ocorrido em 1888. O tom carnavalesco possibilitou que ela produzisse dizeres contestadores de maneira bem criativa, dinâmica e alegre.

A instituição televisiva, no processo de medir o desfile da *Paraíso do Tuiuti* e os telespectadores, também produz o acontecimento e promove uma descrição e interpretação dos acontecimentos. Há, pois, possibilidades de interpretação para compreender os fatos e a “história das práticas em que os homens enxergaram verdades e das suas lutas em torno dessas verdades” (VEYNE, 1998, p.280).

### **Sobre escolas de samba e *Paraíso do Tuiuti***

As escolas de samba surgiram no final da década de 1920 no bairro Estácio do Sá no Rio de Janeiro e eram organizadas pelos grupos mais pobres da cidade: negros,



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

imigrantes, operários, moradores de cortiços, dentre outros. Estes tinham suas festividades reprimidas pela elite e pela polícia.

Os sambistas do Estácio de Sá, fundadores da primeira escola de samba “Deixa Falar”, a criaram para ter a oportunidade de desfilar sem sofrer opressão policial, pois até então eram reprimidos.

Em 1935, oficializou-se o desfile das escolas de samba que obrigava a relação entre o enredo e a História do Brasil. Assim, começaram a utilizar o próprio samba como enredo, valorizando esse gênero musical e traçando relações entre o samba-enredo e os problemas do tempo presente.

Por intermédio dos sambas, manifestam-se as transformações cidadinas, produzem-se críticas, ridicularizam-se situações e, ao mesmo tempo, caracteriza-se a valentia, a bravura e a glória das ações dos sambistas.

No que tange ao samba-enredo, assim como as escolas de samba, ocorreram modificações ao longo do tempo. De início, os sambas-enredos eram feitos apenas de improvisos dos versos na hora do desfile, mas, nos dias atuais, ocorre a construção antecipada “[...] de nova modalidade de expressão popular” (AUGRAS, 1998, p. 35).

O *Grêmio Recreativo Escola de Samba Paraíso do Tuiuti* é sediado na cidade do Rio de Janeiro. A Escola teve sua origem no Morro do Tuiuti, no bairro São Cristovão, no Rio de Janeiro, que passou a ser ocupado no século XX, após as reformas urbanísticas, nas quais os cortiços do centro da cidade foram destruídos e seus moradores, que eram escravos e migrantes, foram em busca de abrigo nos morros desertos como o do Tuiuti, iniciando assim o processo de ocupação.

O morro do Tuiuti tem um longo percurso carnavalesco e a fundação oficial da escola de samba *Paraíso do Tuiuti* ocorreu em 1952. O nome *Paraíso do Tuiuti* origina-se da junção de “Paraíso das Baianas” com “Unidos do Tuiuti”, que eram as duas primeiras escolas do morro.

Nesse sentido, a escola de samba constitui-se por uma coletividade de indivíduos que possuem trajetórias individuais diferentes, distintos anseios e ambições, porém eles





A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

possuem duas características em comum: habitam o mesmo espaço e gostam de samba. A identidade individual exprime, de forma inevitável, uma identidade coletiva.

Desse modo, na sua origem, o samba - ritmo tipicamente brasileiro - representa a identidade cultural dos descendentes de escravos que viviam às margens da sociedade. O discurso do sambista representa a autoafirmação de toda uma classe, pois, embora o grupo social seja heterogêneo, ele está ligado por fatores sociais, culturais, econômicos e éticos.

### **Samba: discurso e resistência**

Na visão de Bakhtin (2010), a carnavalização não é uma forma artística única nem um espetáculo de arte já determinado e acabado, mas sim um lugar privilegiado da inversão, no qual se dá ênfase ao marginal, ao excluído, ao periférico. Por essa razão, o carnaval torna-se um espaço capaz de revelar os aspectos mais intensos e marcados de uma sociedade que, por serem assim, não se pode mostrar abertamente.

No que tange ao samba, a sua história de origem registra uma grande mistura de ritmos que atravessaram a história do Brasil, ele originou-se dos batuques trazidos pelos africanos que vieram como escravos para o Brasil.

No interior da teoria da Análise de Discurso, um discurso pode ser construído para enfrentar outro do qual seja oposto e, assim, surge o movimento de resistência. Para fazer uma análise discursiva, faz-se necessário considerar ainda outras resistências: a linguística e a ideológica. Como é explicado por Pêcheux:

As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... ([1982], 1990, p. 17)

Como pode ser percebido, a resistência ideológica materializa-se na linguagem, porque há uma relação íntima entre esta e o elemento político. Quanto ao material de análise de nosso estudo, convém enfatizar que, mesmo após a abolição da escravidão,



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA**

uma parcela de negros continuou vivendo sob o regime escravocrata nas fazendas de seus senhores, mas muitos deles, mesmo nessas condições, começaram a produzir canções que denunciavam a falta de eficácia da lei Áurea. Assim, o samba emerge como uma forma de resistência, como uma forma de luta por mudanças sociais e por liberdade (no sentido mais amplo dessa palavra).

O samba ainda hoje é um movimento amplo, autêntico que expressa a vida das classes mais marginalizadas da sociedade e aborda as lutas políticas, buscando uma emancipação social e uma sociedade justa, livre da exploração de classe e da opressão étnico-racial. Ele traz os anseios desses grupos e está intimamente ligado às culturas negras através das festas, músicas e danças. Mesmo que, muitas vezes, o samba tenha sido recriado e incorporado pelas classes dominantes, este preserva suas raízes originárias no povo negro e na classe trabalhadora.

Assim, para Pêcheux, há uma contradição na ideologia, quando na luta de classes, a ideologia dominante é modificada pela dominada. Ele diz que:

Há, talvez, no estudo histórico das práticas repressivas ideológicas um fio interessante a seguir, para que se comece, enfim, a compreender o processo de resistência-revolta-revolução da luta ideológica e política de classes, evitando fazer da ideologia dominada, seja a repetição eternitária da ideologia dominante, seja a autopedagogia de uma experiência que descobre progressivamente o verdadeiro atrás-das-cortinas das ilusões mantidas pela classe dominante, seja a interrupção teoricista de um saber exterior, o único capaz de romper o círculo encantado da ideologia dominante. ([1978], 1995, p.283)

O movimento de resistência faz com que não haja simplesmente uma imitação e aceitação das condições que a ideologia dominante impõe, mas contribui para a constituição do sujeito. O samba tem esse caráter discursivo e resistente que busca romper com a ideologia dominante marcada pela desigualdade, exploração e opressão.

A linguagem configura-se como uma instituição social que procura representar a realidade e isso independe da forma como ela se apresenta. Assim como o texto verbal, a imagem é um tipo de linguagem. Ela significa, informa, comunica e, segundo Orlandi (1995), a imagem se constitui como prática discursiva. Assim, pensar a imagem dessa forma é reconhecer que ela possui materialidade própria e também historicidade.





A linguagem da televisão compõe-se de imagem e oralidade que se complementam e, numa organização interna, produzem determinados sentidos e trazem memórias que são atualizadas em suas materialidades discursivas.

### **Identities, fantasies and masks in the carnival**

A identidade se configura como uma construção social, discursiva e histórica, como defende Hall: “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (2011, p.13). Para o autor, a identidade define-se historicamente através da construção social e não por meio de uma visão essencialista e unificada.

A Análise de Discurso trata o sujeito como sendo um ser discursivo e social e não na arena individual. Assim, o ser do discurso é fragmentado, disperso, múltiplo como as suas identidades o são. Como defende Hall, o termo ‘identidade’ significa o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. Por isso não existe identidade sem sujeito como também não há sujeito sem discurso.

O carnaval é um grande espetáculo no qual os sujeitos se permitem realizar seus desejos através das fantasias das escolas de samba, sem que sejam censuradas. Para a Psicanálise, as fantasias funcionam como meios disfarçados de expressão do desejo inconsciente, que se fundamenta na própria constituição do sujeito humano. Dessa forma, a fantasia diz respeito, por outro lado, a um componente fortemente presente no carnaval, uma vez que tem a função de disfarçar e encobrir o sujeito que se fantasia.

Para Freud, a fantasia é herdeira do jogo infantil, pois “a criança em desenvolvimento, quando para de brincar, apenas abdica do elo com os objetos reais; em vez de brincar ela agora fantasia. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos



devaneios” (FREUD, 1976, p.151). Pode-se perceber que as fantasias não são tão fáceis de observar como a brincadeira infantil. O adulto envergonha-se de suas fantasias, guardando-as no mais profundo de sua intimidade, pois elas contêm aspectos culpáveis e por isso são reprimidas. Já as crianças não ocultam suas brincadeiras.

O ser humano tem necessidade de liberar suas emoções, desejos e fantasias. A psicanálise explica essa necessidade através da ideia de recalque que são ideias ou situações reprimidas que fazem mal à saúde. Segundo Freud (1996), o recalque é a fuga do desprazer. Nessa lógica, o carnaval se configura como uma válvula de escape que ajuda o sujeito a realizar suas fantasias e a liberar o ser que é reprimido pelas pressões da sociedade.

A fantasia é tida como um elemento de uso obrigatório nas festividades carnavalescas, como afirma Bakhtin:

Um dos elementos obrigatórios da festa popular era a fantasia, isto é, a renovação das vestimentas e da personagem social (...) o elemento da relatividade e de evolução foi enfatizado, em oposição a todas as pretensões de imutabilidade e atemporalidade do regime hierárquico medieval. (1999, p.70)

As fantasias possibilitam também o encontro e, por outro lado, o choque entre os diferentes grupos sociais. DaMatta (1997) defende que isso ocorre por meio das brincadeiras presentes nas atividades carnavalescas que suspendem as fronteiras responsáveis por individualizar e compartimentar os grupos, categorias e pessoas.

Bakhtin apresenta o carnaval como um momento de igualdade entre os sujeitos, quando as diferenças hierárquicas são eliminadas em função da força criadora do riso carnavalesco. No Brasil, o carnaval proporciona esse relacionamento entre classes com relativa igualdade, porém em um período de tempo limitado ao desfile na passarela do samba.

A disseminação do samba e dos desfiles carnavalescos proporciona:

[...] a produção cultural dos negros e mestiços para outra parte dos cariocas, os brancos, que com eles não tinham contato, a não ser quando em posições subalternas como empregadas domésticas ou motoristas, engraxates, vendedores, ambulantes e jornaleiros (GALVÃO, 2009, p. 41).



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

O samba é um movimento amplo, autêntico que expressa a vida das classes mais marginalizadas da sociedade e aborda as lutas políticas, buscando uma emancipação social e uma sociedade justa, livre da exploração de classe e da opressão étnico-racial. Assim, a fantasia é uma discursividade que protesta contra a sociedade exploradora.

Às máscaras são atribuídas uma função universal: cobrir o rosto para impedir o reconhecimento. Mas não apenas isso, pois

nelas manifestam-se uma inquietude e uma fascinação que envolvem praticamente toda a humanidade. Talvez atrás delas, além de quem as põe, esteja escondido um segredo que, para ser desvendado, talvez seja necessário recorrer às máscaras mais extremas, mais exageradas, mais radicais. (CANEVACCI, 1988, p. 63)

As máscaras possuem diferentes formas, usos, simbolismos e funções. Elas, como expressões artísticas, representam também uma expressão social. Tudo o que é profundo ama a máscara, como diz Nietzsche.

As máscaras nas atividades carnavalescas provocam a dissolução de identidades pessoais e também sociais. Um objeto, aparentemente simples, feito de papel, madeira, pano e outros materiais, tem a capacidade de representar, encobrir, estilizar uma face e, a partir daí, concede ao sujeito uma outra identidade. Neste sentido, as máscaras não são apenas elementos que compõem as atividades carnavalescas, elas têm a função de libertar o povo do cotidiano durante os dias de festas, o que representa também a inversão de valores.

Nietzsche (1992) e Bakhtin (1993) tratam o carnaval como um rito composto pela coletividade na qual foliões, com fantasias e com máscaras, transformam-se em seres outros, como um processo de libertação na busca pelo equilíbrio social.

### **O samba-enredo da *Paraíso do Tuiuti*: uma análise discursiva**

O significado de poesia de acordo com o dicionário Houaiss é “arte de compor ou escrever versos”. Essa definição dicionarizada de poesia é insuficiente, pois ela vai muito além disso. Segundo Aristóteles, “a poesia é mais fina e mais filosófica do que a história;



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

porque a poesia expressa o universo, e a história somente o detalhe”. A poesia diz respeito a emoção, a arte, a fantasia, ao sonho, ao belo.

Nessa linha, o carnaval também possui a sua poesia. Além das fantasias e carros alegóricos enfeitados, seguindo o tema escolhido pela escola, a letra do samba ecoa musicalmente, mexendo com os ânimos dos participantes e do público. A poesia possui uma estreita relação com a música. Para Paul Valéry, “o valor de um poema reside na indissolubilidade do som e do sentido” (1999, p. 206). Assim, as canções são poemas musicados. As canções temáticas dos sambas expressam tanto sentimentos individuais, quanto questões sociais, culturais, dentre outras.

Os carnavalescos abusam da criatividade no momento de escrever a abordagem do tema. Eles tentam fugir do óbvio e mostram ousadia e novidades em suas criações.

Em 2018, a *Paraíso do Tuiuti* produz como refrão:

Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?

Esse enunciado da letra-enredo da escola, escrito pelo carnavalesco Jack Vasconcelos, constitui-se como uma indagação. Os efeitos de sentido produzidos retomam, historicamente, a tardia abolição da escravatura no Brasil.

A cenografia produzida por esse texto é de um interlocutor, expresso pela primeira pessoa do singular (meu/fui/eu, etc.) clamando a Deus. “Meu Deus” é, sintaticamente, o vocativo não só da frase, mas do texto. Essa cenografia é semelhante à cenografia do poema “Navio Negreiro” de Castro Alves:

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus,  
Se eu deliro... ou se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!

Há, na letra-enredo, uma organização discursiva e linguística de dizeres ditos anteriormente. São dizeres de resistência, materializados no poema de Castro Alves e no samba-enredo de 2018 da *Tuiuti*. Inscreve-se numa formação discursiva contestatória e tem um caráter de denúncia, pois atesta-se que, mesmo sendo “abolida”, a escravidão nunca deixou de existir, apenas mudou suas formas.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

A formação discursiva contestatória baseia-se na formação ideológica a favor dos negros e contra a ideologia escravista ditatorial.

Fui rezar na cachoeira contra bondade cruel  
Meu deus! Meu deus! Se eu chorar não leve a mal  
Pela luz do candeeiro liberte o cativo social

A escola de samba *Paraíso do Tuiuti* soltou o grito contra o racismo presente na sociedade brasileira e suas diferentes formas de "escravidão" social como, por exemplo, as relações trabalhistas modificadas pelo governo Temer. Como diz no samba: “Pela luz do candeeiro liberte o cativo social”, o povo saiu do cativo propriamente dito e entrou no cativo social, deixaram de ser escravos e passaram a ser marginalizados nas periferias, único lugar que sobrou para os negros nas cidades. Por isso a expressão “bondade cruel”, a bondade pelo fato de terem “libertado” os negros e a crueldade por não darem voz e espaço a esses “recém libertos”, fazendo com que continuassem na posição de submissos. São, pois, dizeres de denúncia social contra a escravidão que apenas mudou de face: os negros foram livres da escravidão legalizada, mas continuam cativos da escravidão social. A referida escola traz à tona esse discurso que não foi construído agora, mas que está sendo atualizado pela memória sobre a questão do cativo social.

Senhor, eu não tenho a sua fé e nem tenho a sua cor  
Tenho sangue avermelhado  
O mesmo que escorre da ferida

Não sou escravo de nenhum senhor  
Meu paraíso é meu bastião  
Meu tuiuti o quilombo da favela  
É sentinela da libertação

Os enunciados citados acima, do samba-enredo, filiam-se a uma formação ideológica na qual o negro tem orgulho da sua cor, da sua raça e são marcados pela resistência: “Não sou escravo de nenhum senhor” e “Meu paraíso é meu bastião”. A palavra *bastião* significa posto avançado para a defesa de um território, reforçando a

questão dos negros resistirem e terem uma arma de defesa contra as ideologias contrárias às suas. O sujeito discursivo situa-se em um lugar sócio-histórico no qual não é mais aceita a escravidão, lugar esse marcado pelo surgimento de vários movimentos em prol da luta contra a servidão, submissão e escravização. Como se vê, de forma sintética, em: “Meu Tuiuti o quilombo da favela é sentinela da libertação”.

O discurso identitário predomina em meio à autoafirmação da classe negra: “Tenho sangue avermelhado”; “Meu Tuiuti o quilombo da favela”. Para Hall (2004), a identidade é uma construção social, histórica e discursiva que se transforma dependendo dos sistemas culturais que nos rodeiam.

### O enredo “abre alas”: uma leitura discursiva

A seguir, destacamos algumas fotografias dos quadros apresentados pela *Paraíso do Tuiuti* que retratam o enredo da escola no ano 2018.

**Figura 01:** Protesto contra a reforma trabalhista



Fonte: Maisminas.com (2018)

Um dos quadros do desfile da escola de samba *Paraíso do Tuiuti* foi esse intitulado “Guerreiros da CLT”<sup>4</sup>, no qual apresenta vários trabalhadores segurando uma enorme

---

<sup>4</sup> A CLT significa Consolidação das Leis do Trabalho. O Senado aprovou no dia 11 de julho de 2017 o texto da reforma trabalhista. A reforma muda a lei trabalhista brasileira e traz novas definições sobre férias, jornada de trabalho e outras questões. O texto foi sancionado no dia 13 de julho de 2017 pelo presidente Michel Temer.





A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

carteira de trabalho rasgada e suja. A imagem retrata também os vários braços dos trabalhadores, representando todo tipo de trabalho que o cidadão tem que fazer, seja na formalidade ou informalidade, para conseguir sobreviver no cenário atual de exploração e desigualdade social. Esta cena representa a luta dos trabalhadores contra a reforma da previdência social proposta pelo governo federal brasileiro.

Na Figura 01, vê-se a presença de movimentos de resistência contra um sistema que visa diminuir os direitos dos trabalhadores. Nesse caso, o discurso da classe trabalhista é oposto ao discurso do governo no que diz respeito à reforma da previdência. É notório que um discurso reclama o outro, assim surge o movimento de resistência, no qual o grupo dos trabalhadores não permite que a ideologia escravizadora dominante do outro grupo prevaleça.

A escola de samba *Paraíso do Tuiuti* utilizou esse quadro para mostrar que a escravidão não teve fim com a assinatura da Lei Áurea. O país vive um momento em que os direitos dos trabalhadores são usurpados e eles não são nada mais do que os escravos de outrora. O discurso que apoia a reforma trabalhista está baseado em uma ideologia escravista, a qual apoia uma forma contemporânea de escravidão.

Durante a apresentação dessa ala, os jornalistas da rede Globo, responsáveis por apresentar o desfile, fizeram pouquíssimos comentários e estes foram sem nenhuma consistência crítica. A apresentadora Fátima Bernardes comentou “Olha ali, de novo, uma carteira de trabalho enorme no fundo do carro” e Alex Escobar não comenta diretamente sobre a representação da carteira de trabalho e diz: “queria dizer que esse samba tem algumas partes que dá vontade de balançar e cantar junto”. A partir desses comentários/dizeres dos apresentadores da Rede Globo, pode-se notar que essa instituição midiática não teve a preocupação de situar os telespectadores que estavam assistindo ao desfile a respeito dos acontecimentos mais recentes da história política do Brasil. Vê-se, portanto, que as instituições midiáticas não estabelecem uma relação termo a termo com os acontecimentos; a esse respeito:

a mídia não se dirige a nós para transmitir-nos informações objetivas, mas para conquistar o nosso espírito. Como já dizia Goebbels: ‘Nós não falamos para dizer alguma coisa, mas para obter um certo efeito’. Os colonizados e seus opressores

sabem que a relação de domínio não está fundada apenas na supremacia da força. Passado o tempo da conquista, soa a hora do controle dos espíritos. E é tanto mais fácil dominar, quando o dominado permanece inconsciente. Daí a importância da persuasão clandestina e da propaganda secreta, pois, a longo prazo, para todo império que deseja durar, a grande aposta consiste em domesticar as almas, torná-las dóceis e depois subjugar-las. (RAMONET 2005 apud SILVA 2009, p. 117).

Os dizeres, no âmbito do campo jornalístico-midiático, são seletivos e, muitas vezes, não materializam a heterogeneidade outra ou as vozes discordantes em relação ao poder vigente, deixando tais vozes sempre na condição de marginalizadas como aconteceu na narração desse desfile da escola de samba pela Rede Globo.

**Figura 02-** Retomada à escravidão



Fonte: Foto: Alexandre Durão/G1

**Figura 03**



Fonte: Alexandre Durão/G1

Nas figuras 02 e 03, vê-se atualizada uma memória discursiva da escravidão presente no Brasil desde o período colonial e que ainda existe atualmente de formas diferenciadas. Pela memória discursiva, atualizam-se acontecimentos históricos do



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA**

passado; conforme Orlandi(2015), a memória discursiva é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. A partir do desfile da escola de samba, foram retomados discursos anteriores referentes à escravidão. Esta que marcou com ferro aqueles que ousavam resistir. A escravização dos africanos no Brasil foi marcada por um regime precário, exaustivo e desumano, no qual os negros sofriam os mais variados tipos de violência.

Pelas fotografias 02 e 03, vê-se a representação da comissão de frente do desfile da *Paraíso do Tuiuti* que foi denominada “O grito de liberdade”. Nessa apresentação, há membros da escola que interpretam os escravizados sendo açoitados por um capataz.

Os escravizados clamam por liberdade, uma vez que a Lei Áurea, assinada no ano de 1988, não os libertou da escravidão. Assim, no decorrer da apresentação da comissão, mostra-se como os negros recém libertos sofreram para tentar alcançar um lugar digno na sociedade. E a cena mostra negros acorrentados que sofrem maus tratos vindos de outro negro, o capitão do mato.

A fantasia possui muitos detalhes relevantes. Os negros estão presos em correntes e mordanças, têm seus corpos feridos e ensanguentados por conta da violência física que sofrem. A escola de samba trouxe ainda uma tripé simulando uma senzala, lugar onde os escravizados moravam nas fazendas. Um dos bailarinos simula a morte e, em seguida, o ato de ressurreição a partir da intervenção dos pretos velhos, representantes de religiões afro-brasileiras.

Neste sentido, a escola trouxe essa fantasia para esse quadro como forma de denunciar a escravidão que nunca foi extinta no Brasil. Por meio da fantasia dos africanos escravizados, a escola de samba, enquanto sujeito coletivo, materializa sua insatisfação frente a uma sociedade tão desigual e o desejo de se ter uma sociedade livre, igualitária e sem as amarras da escravidão. Ademais, por meio do carnaval, das fantasias, das escolas de samba, os sujeitos podem “sair” de uma realidade a qual estão aprisionados em direção a uma outra mais leve e livre.

Neste sentido, Bakhtin afirma que o carnaval tem o poder de proporcionar um momento de igualdade entre as classes sociais, como é possível notar nos desfiles da escola de samba. Esta quebra de barreiras sofre a necessidade de criação de uma linguagem especial, que acabe com a distância social entre os foliões, liberados de convenções.

Porém, essa liberdade é restrita ao momento do desfile, pois, logo que ele acaba, as classes elitizadas dirigem-se ao camarote e as classes subalternizadas são ignoradas pela grande mídia. Assim, o carnaval oferece momentos e espaços importantíssimos para a classe explorada falar/manifestar, de forma disfarçada e alegre, contra a classe dominadora sem ser reprimida, uma vez que, após os dias de carnaval, as possibilidades são limitadas.

Vale ressaltar que as alas são formadas de acordo com o enredo e com a participação de muitas pessoas. Pelas figuras 02 e 03 que mostram a construção do quadro “O grito de liberdade”, vê-se que este está diretamente pautado no enredo da referida escola de samba “Meu Deus, Meu Deus, está a extinta a escravidão?”

Nesse quadro, materializam-se dizeres que são produto cultural, resultado de um trabalho social de produção sógnica. Dessa maneira, o samba representa a voz do povo que clama pela libertação dos cativeiros sociais, ou seja, são discursos de resistência a uma ideologia dominante e escravocrata.

**Figura 04:** Manifestoches



Fonte: G1.com (2018)



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

Essa é a fotografia de uma ala do desfile da escola intitulada “Manifestoches”. As fantasias desta ala foram baseadas no acontecimento histórico dos “batedores de panela” que fizeram manifestações pelo impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff apoiados pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).

Os desfilantes usaram nariz de palhaço e vestiram uniformes da seleção brasileira com um pato semelhante ao da Fiesp, símbolo do pedido do impeachment da ex-presidenta. Os integrantes do desfile seguravam painéis e colheres em alusão aos “batedores de panela”, que as usavam em protestos quando a ex-presidente se pronunciava na televisão. Além disso, os desfilantes eram comandados por mãos gigantes como se fossem marionetes nas mãos dos poderosos.

A escola de samba ressignificou, de forma crítica e bem humorada, um acontecimento histórico-político do Brasil em tom de contestação. Segundo DaMatta, o carnaval faz com que a rua se torne o espaço privado da casa, que permite tudo que o cidadão deseja. Por isso, a fantasia dos “Manifestoches” configura-se como uma forma da escola de samba expressar seus desejos de denunciar a situação política do Brasil sem que os envolvidos sejam reprimidos ou até mesmo perseguidos.

Nessa ala, a escola de samba materializou discursos de ironia aos paneleiros que saíram às ruas para pedir o *impeachment* de Dilma. Como pode ser observado na fotografia, a escola utilizou mãos enormes representando a mídia que manipulou esses paneleiros envolvidos entre os patos amarelos, referência à campanha da Fiesp. Ao transmitir essa ala, a reação dos apresentadores da emissora Rede Globo não foi diferente da ala “Guerreiros da CLT”, inclusive porque a emissora foi um dos alvos dos discursos contestatórios e de denúncia da escola de samba contra uma ideologia capitalista e neoliberal.



Figura 05: Carro Neo Tumbeiro



Fonte: Vcfaz.tv (2018)

Figura 06: Carro Neo Tumbeiro



Fonte: G1.com (2018)

O último carro da escola de samba foi o que representou um navio negreiro contemporâneo como mostram as figuras 05 e 06. No alto do carro, há um vampiro com a faixa de presidente e, abaixo, pessoas fantasiadas com símbolo de dinheiro (representando a elite), logo depois pessoas representando a classe média e, por último, a classe trabalhadora. Há uma ligação entre o presidente que vai representar os interesses da elite que, por sua vez, faz a manipulação da classe média e esta última impõe sua superioridade sob a classe popular. Essa ala sintetiza o tema-enredo do desfile da escola de samba *Paraíso do Tuiuti*, uma vez que retrata a hierarquia das classes e os diversos regimes de exploração.

A *Tuiuti* destacou, no alto do carro, um homem de terno e cabelos grisalhos com a faixa presidencial, denominado “vampiro neoliberalista”, a alegoria fez uma clara alusão





A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

ao então presidente Michel Temer de modo performativo<sup>5</sup>. É possível perceber que, ao denominar o presidente de neoliberalista, a escola critica a ideologia dominante capitalista defendida pelo atual governo, a qual contribui para que a exploração e a desigualdade social continuem a acontecer.

O presidente está intitulado como vampiro por sugar os direitos das classes populares e estar imerso na corrupção. Ao redor do seu pescoço, há várias notas de dinheiro representando a elite dominadora e o poder. Assim, o presidente é representado como patrocinador de políticas que favorecem o mercado financeiro, o que deixou a emissora Globo constrangida na hora do desfile. A jornalista Fátima Bernardes se limitou a dizer que a ala demonstrava “o regime de exploração nos mais diversos níveis” ; o carnavalesco Milton Cunha disse “ O vampirão” e, em seguida, o protagonista do quadro de esportes “Cafezinho com Escobar” disse apenas o que já era o óbvio “*Tá com a faixa de presidente esse vampiro aí*”.

O carnaval da *Tuiuti* do ano de 2018 foi uma verdadeira manifestação política e de resistência contra a exploração e a corrupção presentes no Brasil. Produziu uma denúncia ao golpe orquestrado contra a ex-presidenta Dilma Rousseff e uma crítica a várias ações e consequências geradas pelo governo de Michel Temer.

## Considerações finais

A partir das análises discursivas, foi possível interpretar como se deu a constituição, formulação e circulação de sentidos produzidos pela escola de samba *Paraíso do Tuiuti* e como esses sentidos inscrevem-se em formações discursivas de resistência diante do atual cenário brasileiro.

Os efeitos de sentidos produzidos verbal e imageticamente se deu a partir da retomada de uma memória discursiva sobre a escravidão e a história do Brasil, atualizada e recontextualizada nas discursividades que analisamos neste trabalho.

---

<sup>5</sup> É um enunciado que não afirma nem nega, mas realiza um ato quando é pronunciado.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

Como tomamos a língua não fechada em si própria, mas pela relação que estabelece com o histórico-social e com o político, constatamos que os sentidos postos a circular pela escola de samba *Paraíso do Tuiuti* são materializações de uma postura libertadora que visa acabar com a exploração das classes populares.

## Referências

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BULHÕES, Lígia. P.L. (Org). **Linguagens, práticas discursivas e sociedade**. Salvador: Eduneb, 2012.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil**: a imprensa na constituição da TV como grande mídia. Tese (Doutorado). IEL, Unicamp, Campinas, 2008.

FREUD, S. (1915). Recalque. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LISBOA, Larissa. **O samba como resistência e reafirmação**. Revista África e Africanidades. Ano 2, n. 8, fev. 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12ªed. Pontes Editores, Campinas, SP, 2015.

PÊCHEUX, Michel. (1982). **Delimitações, inversões e deslocamentos**. Trad. José Horta Nunes. In: GERALDI & ORLANDI (orgs.) Caderno de Estudos Lingüísticos: o discurso e suas análises. V.19. Campinas, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 2 ed. Campinas: Unicamp, 1995.



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**V** Seminário Interdisciplinar  
de Ensino, Extensão e Pesquisa

**28 a 30 de agosto de 2019**  
**UNEB - Caetité, BA**

QUEIROZ, Maria Isaura P. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SILVA, J. R. B. S. **Análise discursiva das legendas e fotografias do jornal Brasil de Fato**. n. 31, 111-127 p. 2009.